

BIOGRAFIAS DE PINTORES EMBLEMATICOS

AMPLIA INFORMACION ARTISTICA DE CADA PINTOR - VISUALIZACION DE SUS CUADROS.

domingo, 23 de septiembre de 2012

MINO CARTA

DATOS BIOGRAFICO-ARTISTICOS

MINO CARTA, O DEMETRIO GIULIANO GIANNI CARTA. NACIDO EL AÑO 1933 EN GÉNOVA. ES UN PINTOR ITALIANO DE ORIGEN BRA -SILEÑO PERIODISTA, EDITOR Y ESCRITOR. CARTA AYUDADO EN LA CREACIÓN DE VEJA, ISTOÉ Y CARTA CREARON CON SU CAPITAL, TRES DE LAS CUATRO PRINCIPALES REVISTAS DE NOTICIAS ACTUALMENTE PUBLICADAS EN BRASIL.



CARTA LLEGÓ A, SÃO PAULO CON SU FAMILIA SARDA DESPUÉS DE LA GUERRA EN 1946, CUANDO "TODAVÍA LLEVABA PANTALONES CORTOS", TENIA PROBABLEMENTE 12 O 13 AÑOS DE EDAD EN ESE MOMENTO. RECUERDA SÃO PAULO COMO UNA CIUDAD TRANQUILA Y ORDENADA CON MEDIDAS HUMANAS.



EN 1951, HIZO UNA CARTA VESTIBULAR EXAMEN Y FUE ADMITIDO EN LA UNIVERSIDAD DE SÃO PAULO 'S TRADICIONAL DE LA ESCUELA DE DERECHO DEL LARGO DE SÃO FRANCISCO . SU MATRÍCULA ESTATAL REGISTROS QUE NACIÓ EL 3 DE SEPTIEMBRE DE 1933. ASISTIÓ A LAS CLASES DE LOS PRIMEROS AÑOS, PERO LO DEJÓ Y NUNCA TERMINÓ DE GRADUARSE DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR.



EN 1960 COMENZÓ SU CARRERA EN EL PERIODISMO , AYUDANDO A FUNDAR LA EDITORA ABRIL AUTOMÓVIL REVISTA QUATRO RODAS. EN 1966, SE INTRODUJO EL NUEVO PERIODISMO EN BRASIL POR LA FUNDACIÓN CON SEDE EN SÃO PAULO PERIÓDICO JORNAL DA TARDE . DOS AÑOS MÁS TARDE, AYUDÓ A VICTOR CIVITA DE ABRIL A VEJA EN CONTRATO, QUE EN LA ACTUALIDAD ES LA REVISTA LÍDER EN EL PAÍS, CON UNA CIRCULACIÓN DE MÁS DE UN MILLÓN DE EJEMPLARES POR EDICIÓN.



NO SATISFECHO CON EL RESULTADO, AYUDÓ EN LA FUNDACIÓN DE ISTOÉ EN 1976. SIN EMBARGO, NO ESTÁ COMPLETAMENTE SATISFECHO CON EL RESULTADO, FUNDÓ CARTA CAPITAL EN 1994. EN LA NUEVA REVISTA, ÉL Y OTROS COLUMNISTAS ENFÁTICAMENTE CRITICARON EL NEOLIBERALISMO Y EL NEOCONSERVADURISMO DE LA POLÍTICA QUE HAN SIDO RECIENTEMENTE DEFENDIDA POR VEJA.



DE TODAS LAS PUBLICACIONES DE CARTA AYUDÓ A CREAR DURANTE SU VIDA, SÓLO UNO, EL DIFUNTO JORNAL DA REPÚBLICA, NO LOGRÓ TRIUNFAR. EL

PERIÓDICO DÉCADA DE 1970 TUVO UN GRAN DÉFICIT EN SU PRESUPUESTO, DECEPCIONADO CON LA POSICIÓN DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA EN EL CESARE BATTISTI CASO, CARTA DECIDIDO RETIRARSE DE SU BLOG Y SU COLUMNA EN CARTACAPITAL.



LIBROS PUBLICADOS

EN 2000, CARTA PUBLICÓ SU PRIMERA NOVELA, TITULADA O CASTELO DE AMBAR (EL CASTILLO DE AMBER), EN LA QUE NARRA UNA HISTORIA SEMI-BIOGRÁFICA. EL PERSONAJE PRINCIPAL, MERCÚCIO PARLA, PUEDE SER SU ALTER-EGO ; PARLA NARRA LO QUE ÉL CONSIDERA QUE ES LA RELACIÓN PROMISCUA ENTRE LOS POLÍTICOS, LOS PERIODISTAS Y LOS BARONES DE LOS MEDIOS DURANTE CASI MEDIO SIGLO EN LA RECIENTE HISTORIA DE BRASIL . ESCRITO COMO UNA HISTORIA DE FICCIÓN, ALGUNAS CONEXIONES SE PUEDE HACER CON LA REALIDAD, COMO LA TIERRA DE LA CASA CHARACTER LA "AUSONIA" SIENDO ITALIA Y SU CASA EN "RUA ÁUREA" SER RUA AUGUSTA.

EN 2003, CARTA PUBLICÓ SU SEGUNDA NOVELA A SOMBRA DO SILÊNCIO (LA SOMBRA DEL SILENCIO), UN SEGUIMIENTO DE O CASTELO DE AMBAR. EN ESTE LIBRO, EL PERSONAJE PRINCIPAL SE ENCUENTRA EN LA RUA ÁUREA CON CUORE MIO, "LA CHICA MÁS RISAS EN EL BARRIO", A PARTIR DE LO DESCRITO POR EL AUTOR COMO EL "ÚNICO AMOR AUTÉNTICO Y DE SUS VIDAS".



PREMIOS

- ♣ 2003: COMUNIQUE-SE AL MEJOR EMPRESARIO DE UN VEHÍCULO DE NOTICIAS - CARTACAPITAL
- ♣ 2005: COMUNIQUE-SE AL MEJOR EMPRESARIO DE UN VEHÍCULO DE NOTICIAS - CARTACAPITAL
- ♣ 2006: PREMIO DE LA ASOCIACIÓN DE CORRESPONSALES DE PRENSA EXTRANJERA EN BRASIL POR MÁS PRESTIGIOSO PERIODISTA DEL AÑO
- ♣ 2007: COMUNIQUE-SE AL MEJOR EMPRESARIO DE UN VEHÍCULO DE NOTICIAS - CARTACAPITAL



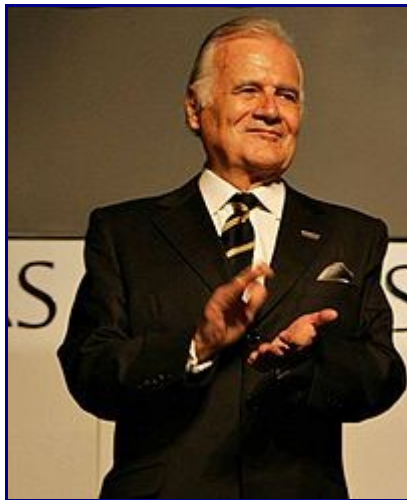
Publicado por [JUPEBLA](#) en [8:53](#)

Mino Carta


Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

(Redirecionado de [Mino carta](#))

Mino Carta



Nome completo Demetrio Carta

Nascimento [6 de setembro de 1933](#) (83 anos)
[Gênova, Itália](#) 

Ocupação [Jornalista](#), [Editor](#), [Empresário](#), [Escritor](#) e [Pintor](#)

Nacionalidade [italiano](#)

[blogdomino.com.br ^[*ligação inativa*]^[1] Site oficial]

Demetrio Carta^[2] ([Gênova](#), [6 de setembro de 1933](#)), conhecido como **Mino Carta**, é um [jornalista](#), [editor](#), [escritor](#) e [pintor italiano](#), naturalizado [brasileiro](#).^[3]

Biografia

Nascido na [Itália](#), chegou a São Paulo em 1946 e escreveu sobre esse período:

Agosto de 1946, cheguei a São Paulo, trazido por meus pais, ainda vestia calças curtas. A cidade não passava de 1,5 milhão de habitantes, tinha medidas humanas. Pacata, ordeira, elegante em várias ruas centrais. São Luís, Barão de Itapetininga, Marconi, Vieira de Carvalho. Recantos verdes e vibrantes. Praça da República, Largo do Arouche. Senhorial a Avenida Paulista, ladeada por casarões, um deles o do Conde Matarazzo, dono de um Packard suntuosamente negro, na placa ostentava apenas e tão-somente o número 1. – Mino Carta^[4]

Carreira

Em [1951](#), prestou vestibular e ingressou na [Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo](#), constando de sua ficha de matrícula ter nascido em 3 de setembro de 1933. Kursou os primeiros anos, mas abandonando o curso, não chegou a se formar.

Carta dirigiu as equipes de criação de publicações que fizeram história na imprensa brasileira, como

Quatro Rodas, o *Jornal da Tarde*, *Veja*, *IstoÉ* e *CartaCapital*, da qual ainda é diretor de redação. Dos jornais que ajudou a fundar, apenas um não prosperou: o *Jornal da República*, fundado junto com *Cláudio Abramo*, foi fechado por problemas financeiros.[5]

<http://player.mashpedia.com/player.php?q=jCL2mqhNSVo> Mantinha um blog pessoal, que desativou por discordância com as políticas econômica e ambiental do governo, e por causa da atuação no caso *Cesare Battisti*,[1] do qual era um dos mais ferrenhos opositores.[6]

No ano de 2016, Mino Carta é referido em áudio do ex-presidente Lula que admite encomendar a este um artigo em prol do governo. [7][8]

Apesar de sua postura crítica também ao governo Lula, Carta se posicionou firmemente contra o impeachment da Presidente Dilma Rousseff, qualificado por ele como o pior golpe de estado que o Brasil já sofreu e tece acusações contra o Juiz Sérgio Moro.[9]

Livros publicados

Em 2000, lançou o livro *O Castelo de Âmbar*,[10] em que emprega sua verve num projeto literário-biográfico cuja personagem principal, *Mercúcio Parla* (um "homem extraordinário", segundo sua secretária *Camomila*), pode ser seu *alter ego* e no qual relata, de modo cáustico, o que considera o relacionamento promíscuo entre governantes, jornalistas e "barões da imprensa" durante quase meio século da história recente brasileira. Escrito como um romance de ficção, permite vislumbrar-se a realidade; assim *Ausônia* seria a *Itália* e a *rua Áurea* na *Capital da Comarca* seria a *rua Augusta* em *São Paulo*.

Em 2003, publicou *A Sombra do Silêncio*, continuação de *O Castelo de Âmbar*,[10] no qual *Mercúcio Parla* se encontra, na *Rua Áurea*, com *Cuore Mio*, "a moça mais risonha do bairro", iniciando assim um romance que seria o "único e autêntico amor de suas vidas".

Publicações

(lista parcial)

- *O Castelo de Âmbar*. São Paulo: Editora Record, 2000. [ISBN 8501060208](#) (romance)
- *Histórias da Mooca, com as bênçãos de San Gennaro*. São Paulo, Editora Berlendis & Vertecchia, 1ª edição.
- *O Restaurante Fasano e A Cozinha de Luciano Boseggia*, em parceria com [FASANO, Rogério](#). São Paulo: Editora DBA. 2ª edição, 1996.
- *A Sombra do Silêncio*. São Paulo: Editora Francis, 2003. [ISBN 8589362191](#) (romance)
- *O Brasil*. São Paulo: Editora Record, 2013.
- *A vida de Mat*. São Paulo: Editora Hedra, 2016.

Prêmios e títulos

É doutor honoris causa pela [Faculdade Cásper Líbero](#).

Em novembro de 2006 Mino recebeu o prêmio de *Jornalista Brasileiro de Maior Destaque no Ano* da Associação dos Correspondentes da Imprensa Estrangeira no Brasil (ACIE). [11]

Referências

- *«Jornalista Mino Carta critica Lula e se despede de blog e revista»*. *Diário Catarinense*. *6 de fevereiro de 2009*. Consultado em *30 de dezembro de 2011*. (8)
- *Controverso e respeitado, Mino Carta continua se reinventando no mercado jornalístico* (10)
- *«As várias cartadas de Mino»*. *UEL*. Consultado em *22 de março de 2013*. (12)

- *Carta, Mino. (janeiro de 2007). «O caminho do Hades» 428 ed. Revista CartaCapital. Consultado em 30 de dezembro de 2011. ^[ligação inativa] (15)*
- *«A história do Jornal da República». Observatório da Imprensa. 17 de agosto de 2004. Consultado em 30 de dezembro de 2011. (16)*
- *Martins, Rui (9 de junho de 2011). «Bem-vindo ao Brasil, Battisti» 4381 ed. Correio do Brasil. Consultado em 30 de dezembro de 2011. (17)*
- *<http://portal.comunique-se.com.br/jo-com/80500-lula-relata-pediou-para-mino-carta-escrever-artigo-com-criticas-a-sergio-moro> (18)*
- *<http://player.mashpedia.com/player.php?q=jCL2mqhNSVo> | Lula confessa encomendar artigo para Mino Carta (20)*
- *<http://player.mashpedia.com/player.php?q=L3qGF8gZEfA> | Carta, Mino. "Golpistas são hipócritas, idiotas ou ambas as coisas". TV Carta. (21)*
- *Moraes Neto, Geneton (18 de março de 2004). «Os Mandamentos de Jornalista Segundo Mino carta: Fidelidade, Canina aos Fatos, Espírito Crítico, Fiscalização do Poder.». Site Geneton. Consultado em 30 de dezembro de 2011. (22)*
- 11. *«"Jornalista do ano": Mino Carta recebe prêmio da Associação de Correspondentes Estrangeiros». Portal Imprensa. 4 de dezembro de 2006. Consultado em 30 de dezembro de 2011. (25)*

-  [Portal da Itália](#)

-  [Portal do jornalismo](#)



O [Wikiquote](#) possui citações de ou sobre: *[Mino Carta](#)*

Categorias: [Nascidos em 1933](#) [Brasileiros de ascendência italiana](#) [Jornalistas do Brasil](#) [Romancistas do Brasil](#) [Pintores de São Paulo](#) [Naturais de Gênova](#) [Cidadãos naturalizados do Brasil](#)



VOCE ESTÁ EM [NOTÍCIAS](#)

Jornalista Mino Carta critica Lula e se despede de blog e revista

06/02/2009- 22h58min



Mino Carta e Lula durante cerimônia de premiação das empresas mais admiradas do Brasil em 2006

Foto: Fernando Gomes

Decepcionado com o governo Lula, Mino Carta despediu-se esta semana de seu blog e da função de diretor de redação da revista Carta Capital. [No texto publicado na internet](#), o jornalista, em atividade desde os anos 60, aponta as políticas econômica e ambiental do governo e a atuação no caso Battisti como principais razões para seu desencanto:

— Despeço-me deste blog e, por ora, calo-me em CartaCapital — escreveu Mino.

Demetrio Giuliano Gianni Carta, o Mino, como é conhecido no meio jornalístico, com passagens por Quatro Rodas, o Jornal da Tarde, Veja, IstoÉ, fez uma análise de sua trajetória na imprensa, sobretudo no tempo da ditadura. Lembrou da época em que enxergava o presidente como um conciliador, a exemplo da Carta aos Brasileiros assinada por Lula em uma tentativa de "amparar as

arestas antes do pleito de 2002". No seu texto de despedida, destaca que foi tomado por uma decepção progressiva:

"A mim, que estou de olhos escancarados, a Carta convenceu por considerá-la sincera. Naquela época, não cansei de definir Lula como um conciliador desde os tempos da liderança sindical. No governo, contudo, ele foi muito além das minhas expectativas. Ou, por outra: deu para me decepcionar progressivamente".

A política econômica do país, nos últimos seis anos é considerada de um "desequilíbrio monstruoso" pelo jornalista. Para ele, o privilégio sempre foi dos mais ricos. Aos mais pobres, uma esmola.

"Na política ambiental abriu a porta aos transgênicos, cuidou mal da Amazônia, dispensou Marina Silva, admirável figura, para entregar o posto a um senhorzinho tão esvoaçante quanto seus coletes."

No que se refere à atitude do ministro da Justiça, Tarso Genro, no caso da extradição de Battisti, Mino afirma que o governo "exibiu ao mundo ignorância, falta de sensibilidade diplomática e irresponsabilidade política, ao afrontar um estado democrático amigo".

"O ministro Tarso Genro disse em Belém que a favor da extradição de Battisti se alinham os defensores da anistia aos torturadores da ditadura, "com exceção de Mino Carta". Agradeço a referência, observo, porém, que o ministro cai em clamorosa contradição. Não foi ele quem, em rompante que beira a sátira volteriana, sugeriu à Itália baixar uma lei da anistia igual àquela assinada no Brasil pelo ditador de plantão?"

A crença no jornalismo de Mino Carta está falida. O futuro?

"Vai sobrar-me tempo para escrever um livro sobre o Brasil. Talvez não ache editor, pouco importa, vou escrevê-lo de qualquer forma, quem sabe venha a ser premiado pela publicação póstuma".

[Leia a íntegra da carta-despedida no blog do Mino Carta:](#)

Servidor no encontrado

Controverso e respeitado, Mino Carta continua se reinventando no mercado jornalístico

Um dos mais comentados e conceituados personagens do jornalismo nacional, Mino Carta se notabilizou por comandar a fundação de veículos que ajudaram a escrever a história da mídia brasileira

Thaís Naldoni* | 09/01/2012 13:19

Muitas são as histórias que permeiam a vida dos gênios desse ou daquele segmento. Um pouco de folclore, outro tanto de exagero, mas a existência do “fator X”, aquele que diferencia os “iluminados” dos reles mortais, de fato, existe. No jornalismo não são muitos, sobretudo na imprensa brasileira, os que alcançam o patamar de ser lembrados, reconhecidos e admirados por diversas gerações, ainda mais em uma época em que as referências e o repertório dos mais jovens são cada vez mais escassos. E um deles, certamente, é Mino Carta.

Crédito:Luiz Marauskas



A postura crítica, os comentários ácidos e a ironia fina usada para responder as perguntas que lhe são dirigidas são as características mais lembradas pelos jovens jornalistas e pelos pretensos colegas de profissão. Já a arte de comandar equipes, na implantação e criação dos mais diversos projetos editoriais, o repertório cultural, as referências históricas e a presença, digna de nobreza, são as referências de amigos, estudiosos, ex-funcionários e antigos aprendizes.

O jornalista que precisou, segundo suas próprias palavras, “inventar” seus trabalhos depois da

conturbada passagem por Veja – uma de suas “criações” – angaria elogios por onde passa, mas também tem seu “gênio forte” sempre lembrado. “O Mino tem aquela coisa de italiano e isso dá uma imagem de arrogância que não é o caso”, afirma Luis Nassif. “Eu vi o Mino jogar a edição de uma revista pela janela. Ele recebeu a revista Veja com erro na capa e então jogou pela janela”, conta, aos risos, Tão Gomes Pinto. “Ele foi obrigado a fazer a CartaCapital porque não tinha dono de revista que pudesse conviver com ele. Precisa ter jogo de cintura”, completa.

Aos 78 anos – idade presumida –, Demétrio Carta (seu nome de batismo) é certo como tema em rodas de estudantes, em lembranças de uma época, em referência quando o assunto é criar e dirigir veículos de comunicação. “O Mino tem vocação extraordinária para descobrir o que o leitor precisa e deve ler. Ele é um editor que prioriza a revista não pelo que o leitor quer ler mas, sim, pelo que ele deve ler”, diz Gomes Pinto, que trabalhou com Carta no Jornal da Tarde e revistas Veja e IstoÉ.

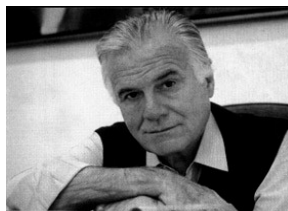
*Com Nathália Carvalho

Leia a matéria completa na edição 275 de IMPRENSA.

Assinantes da Revista IMPRENSA podem ler a revista na íntegra na web. Clique [aqui](#) para acessar.

As várias cartadas do Mino

Demétrio Carta, mais conhecido como Mino Carta, é criador de pelo menos seis grandes revistas: Veja, Quatro Rodas, Isto É, Senhor, Jornal da Tarde e Carta Capital, da qual é diretor de redação. A revista, que surgiu mensal em 94, tornando-se quinzenal em 96, dá um novo passo em agosto: estará semanalmente nas bancas. Nascido em Gênova em 1933 e naturalizado brasileiro, ele acaba de lançar Castelo de Âmbar, obra de ficção que muitos consideram um retrato ácido da imprensa brasileira.



Mino Carta, uma referência reconhecida no jornalismo brasileiro, concedeu entrevista, por telefone, ao **Triálogos**.

Do regime militar, esse jornalista confessadamente avesso a tecnologias coleciona histórias. Sua ousadia incomodou tanto que, a pedido do então Ministro da Justiça, Armando Falcão (um dos responsáveis pela censura), em 1o. de abril de 76, deixou oficialmente Veja.

O que muda na Carta Capital e porque a mudança agora?

Faremos uma revista ancorada, em termos ideológicos, na que está saindo agora. Haverá uma ampliação dos temas, embora esta se destine e se destinará a investigar a atividade do poder, onde quer que ela se manifeste: na economia, nos negócios, na cultura... A vocação original da revista era semanal. Faltaram recursos. Também calha que o momento é bastante propício para uma boa cobertura jornalística. Estamos entrando num período eleitoral, de problemas políticos e econômicos evidentes; a presença de uma revista como Carta Capital neste quadro é muito oportuna.

Carta Capital passa a ser concorrente das revistas semanais que estão no mercado. Como o senhor avalia isso e o que pensa das revistas com as quais a Carta Capital vai concorrer?

A concorrência é bastante relativa, porque Isto É e Veja são revistas de grande tiragem, que se destinam a um público muito grande e diversificado. Vamos nos dedicar a um público específico e preparado para a compreensão daquilo que estamos contando. Acho que Veja, Isto É e também Época, se mantêm basicamente fiéis à receita do news magazine americano, cujo arquétipo é a Time. Elas continuam fazendo um resumo dos principais assuntos da semana, dando a cada um deles um toque de análise.

Nós achamos que essa fórmula está superada pelo avanço tecnológico, dos últimos 78 anos (Time foi fundada em 1923). As pessoas são submetidas a um bombardeio de informações constante. Convém procurar outra fórmula. Além disso, essas revistas, em busca exatamente da tiragem elevada, e talvez movidas a um solene desprezo pelo público leitor, partiram para coberturas irrelevantes.



Numa entrevista à Revista Imprensa deste mês, o senhor disse que não lê os veículos de comunicação nacionais. O que os leitores, e, em particular, os estudantes de jornalismo podem esperar da imprensa nacional?

A imprensa brasileira e também a mídia eletrônica, vive um momento negro. Ela se esforça com extremo empenho para embrutecer os leitores, obscurecer as consciências para impedir que as pessoas sejam realmente informadas. É claro que eu dou uma olhada oblíqua nos diários nativos, mas as revistas, realmente não leio. Elas me causam um certo mal estar que envolve todo o aparelho gastro-intestinal, então realmente prefiro não lê-las. No fundo, a gente pega a manchete do Globo, do Estado, da Folha e já sabe o que vem atrás. Nesse momento, por exemplo, do episódio do painel violado - grotesco, lamentável e altamente emblemático da tragédia que o país vive - há um empenho absoluto e generalizado de salvar o sr. FHC, o qual evidentemente sabia que o computador estava sendo violado. São coisas que mostram como essa imprensa é pouco séria e completamente devotada aos interesses do poder.



A quinta edição da Veja de XX de 68, que foi apreendida, contribuiu a imagem de Carta como "pedra no sapato" da ditadura.

Quais são os requisitos básicos para ser um bom jornalista?

Honestidade, coerência, além de talento para a profissão. O jornalista não precisa ser objetivo. Objetividade é própria das máquinas. Ele precisa ter o claro entendimento de suas responsabilidades. Em primeiro lugar, a devoção canina pela verdade factual, que não se confunde com a verdade que nós carregamos, que são milhões de verdades. Segundo, praticar o exercício desabrido do espírito crítico. E finalmente, o terceiro, é a fiscalização independente do poder.

Qual a diferença entre a imprensa que conviveu com a ditadura militar e essa que convive com a ditadura de mercado?

A ditadura militar criou pressões das mais variadas sobre a mídia, que não envolveram uma série de órgãos da imprensa que hoje se passam por censurados: o Jornal do Brasil, a Folha, o Globo. A propaganda que estes jornais fazem dá a impressão de que tiveram suas páginas submetidas às tesouras da ditadura. Mas isso não ocorreu, porque lhes cumpriam pontualmente as vontades do regime. Eu não diria que existe hoje uma ditadura do mercado, mas, sim, uma escolha deliberada por aprovar as decisões políticas do poder, salvo, é claro, as honrosas exceções. A política brasileira é completamente pautada por uma subserviência aos EUA e adesão pronta e imediata aos ditames do Fundo Monetário Internacional e de obediência às regras de uma política neoliberal. A imprensa apóia automaticamente essas idéias todas. É uma empáfia desse poder, que manda no país, dessa elite que é responsável pelo atraso nacional.

(Luciana Lazarini)

[Capa](#)

[Próximo](#)

Carta, Mino. ([janeiro de 2007](#)). «[O caminho do Hades](#)» 428 ed. Revista CartaCapital. Consultado em [30 de dezembro de 2011](#).[ligação inativa](#) :

CartaCapital



[Revista Digital](#)

[Assine](#) [Política](#) [Economia](#) [Sociedade](#) [Cultura](#) [Internacional](#) [Blogs e columnistas](#) [Carta](#) [Educação](#) [Mais](#)

Você está aqui: [Página Inicial](#)

Desculpe, mas esta página não existe...

Pedimos desculpas pelo inconveniente, mas a página que você estava tentando acessar não existe neste endereço. Você pode usar a caixa de busca abaixo para encontrar o que está procurando.

«[O caminho do Hades](#)» :

Resultado da busca por «O caminho do Hades»

0 itens atendem ao seu critério.

[Filtrar os resultados](#)

Ordenar por [relevância](#) · [data \(mais recente primeiro\)](#) · [alfabeticamente](#)

Nenhum resultado foi encontrado.

CartaCapital

«A história do Jornal da República». Observatório da Imprensa. 17 de agosto de 2004. Consultado em 30 de dezembro de 2011. :


Segunda-feira, 10 de Outubro de 2016 ISSN 1519-7670 - Ano 19 - nº922

Observatório Seções OI na TV Vídeos OI OI no Rádio Blogs OI Serviços Contato



[Edição nº 922](#) [Edição nº 921](#) [Edição nº 920](#) [Edição nº 919](#) [Edição nº 918](#) [Anteriores >>](#) [Busca avançada](#)

Conteúdo nao encontrado



Aos leitores

Os artigos publicados nesta página não refletem necessariamente uma opinião do Observatório da Imprensa, já que somos um fórum de opiniões. Procuramos publicar os textos recebidos como parte de nosso compromisso com a diversificação das fontes de informação. Como ninguém é dono da verdade, a melhor forma de buscar a objetividade é através do contato com perspectivas e opiniões diferenciadas, o que nos permite neutralizar o discurso do ódio e da intolerância.

[Busca avançada](#): “ «A história do Jornal da República»”



Você pesquisou por: “ «A história do Jornal da República»”

Martins, Rui (9 de junho de 2011). «Bem-vindo ao Brasil, Battisti» 4381 ed. Correio do Brasil. Consultado em 30 de dezembro de 2011:

domingo, 09 de outubro de 2016 • Edição N° 6.104

Correio do Brasil

[Home](#) [Política](#) [Negócios](#) [Opinião](#) [Brasil](#) [Mundo](#) [Esportes](#) [Tecnologia](#) [Educação](#) [Vida & Estilo](#) [Saúde](#)



Oops!



Lula relata: pediu para Mino Carta escrever artigo com críticas a Sergio Moro

Publicado em Quinta, 17 Março 2016 13:23

Escrito por [Redação Comunique-se](#)

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva teve telefonemas grampeados pela Polícia Federal, órgão que comanda as investigações da operação Lava Jato. Nas conversas tornadas públicas pelo juiz Sergio Moro na noite de quarta-feira, 16, o petista reclama da “República de Curitiba”, do trabalho da Receita Federal contra o instituto que leva o seu nome e do “show” em torno de sua condução coercitiva. Personagens da imprensa também foram mencionados pelo político, como emissoras de TV e o diretor de redação da Carta Capital, Mino Carta.

Em telefonema na noite de segunda-feira, 14, Lula afirmou ao então ministro-chefe da Casa Civil, Jacques Wagner, que tinha pedido ao jornalista ítalo-brasileiro a produção de um texto sobre as manifestações que tomaram ruas em diversas cidades do país no último fim de semana. “Acabei de conversar com o Mino Carta aqui pra ele escrever um artigo, mostrando que teve duas coisas nesse movimento. Primeiro, a vontade das pessoas que o combate à corrupção continue”, diz o antecessor de Dilma que na manhã desta quinta, 17, assumiu o posto então ocupado por Wagner na Casa Civil – depois da posse, o juiz federal Itagiba Catta Preta Neto, da 4ª Vara do Distrito Federal, suspendeu a nomeação.

A conversa de Lula com Jacques Wagner demonstra que a intenção ao solicitar artigo a Mino era criticar Moro. O ex-presidente diz que o juiz paranaense “representa isso [combate à corrupção] fortemente”, o que simbolizaria a “negação da política é total”. “E o resultado disso, você sabe o que é, né?”, pergunta Lula ao ex-governador da Bahia, que responde: “lógico, é o caminho pro autoritarismo”. “Então, eu pedi pro Mino escrever um artigo sobre isso”, reforça o ex-presidente da República, conforme mostra transcrição publicada pela Veja.com.



Lula e Mino Carta em entrevista gravada pela 'TV Carta' (Imagem: Reprodução/YouTube)

Editoriais da Carta Capital

Horas depois da conversa telefônica entre Lula e Jacques Wagner, o site da Carta Capital publicou dois editoriais (ambos com a assinatura do diretor Mino Carta). Na madrugada de terça-feira, 15, os textos “O patético complô” e “Conspiração policial” foram divulgados na web. No primeiro, afirma-se que “diante desse apavorante conjunto de desmandos [ações da Polícia Federal contra o ex-presidente e sua família], não poderia faltar a intervenção providencial do juiz Sergio Moro, que

há dois anos, graças ao Altíssimo, rege o destino do País”.

“Da conspirata em marcha, vislumbro de chofre três QGs, em recantos distintos. Número 1, escancarado, em Curitiba, onde três delegados dispõem da pronta convivência do Ministério Público e da vaidade provinciana do juiz Sergio Moro, tão inclinado a se exhibir quando os graúdos lhe oferecem um troféu”, escreveu Mino Carta em trecho do outro texto. Até o início da tarde desta quinta-feira, 17, a revista comandada pelo jornalista não comentou a questão de Lula ter garantido que pediu a produção de artigos.

Grupo Comunique-se

mashpedia

EXCLUSIVO, Lula confessa encomendar um artigo para o Mino Carta"



[4:15](#)



[Mino Carta: "Golpistas são hipócritas, idiotas ou ambas as coisas"](#)



[7:35](#)

Geneton.com.br

Jornal de um repórter * Criado em 12 de março de 2004 * Padroeira: Nossa Senhora do Perpétuo Espanto

Entrevistas

O estado geral
das coisas

Reportagens

Leituras

Quem é

Aqui,
você fala

« [PAUL JOHNSON](#) || || || [JACINTO DE THORMES](#) »

março 18, 2004

MINO CARTA

OS MANDAMENTOS DE JORNALISTA, SEGUNDO MINO CARTA : FIDELIDADE CANINA AOS FATOS, ESPÍRITO CRÍTICO, FISCALIZAÇÃO DO PODER

A bem da verdade, diga-se com todas as letras que não existe na imprensa brasileira texto tão elegante quanto o de Mino Carta. A palavra é esta : elegante.

Pouquíssimos currículos exibem um portfolio tão reluzente : como em jornalismo não existem propriamente criações individuais, o mais justo seria dizer que Mino Carta foi o co-criador de publicações que fizeram história na imprensa brasileira, como Veja, Jornal da Tarde, Quatro Rodas, Istoé, Carta Capital. Houve um fracasso, até hoje lamentado : o Jornal da República, trucidado no final dos anos setenta por um inimigo mortal - o déficit de caixa.

Nestes últimos tempos, o jornalista Mino Carta vem dividindo espaço com o romancista Mino Carta. O escritor noviço lançou em 2000 um romance parcialmente autobiográfico – “O Castelo de Âmbar”. Aqui, um Mino Carta que – lastimavelmente - não se animou até agora a publicar uma autobiografia emerge na pele de um personagem chamado Mercúcio Parla. Agora, o romancista Mino Carta lança o segundo – e último – volume da odisséia de Mercúcio Parla , o romance “A Sombra do Silêncio”, publicado no selo Francis da W11 Editores.

Procuro o quase novato romancista na Livraria da Travessa, em Ipanema, palco do lançamento carioca de “A Sombra do Silêncio”. Cadê o homem ? A mesa destinada à sessão de autógrafos, no primeiro andar deste supermercado de livros, permanece enigmáticamente vazia. Um porta-voz da livraria apressa-se a dizer que não, nenhum motivo de força maior impediu o lançamento. Mino Carta se instalou numa mesa do café da livraria, para regar com champagne a garganta presumivelmente já cansada de tantos embates.

De repente, Mercúcio Parla se materializa na mesa de autógrafos, na pele de Mino Carta, em companhia de uma taça de champagne . A procissão de leitores em busca de um autógrafo não faria inveja a nenhum santo : são poucos os fãs que se aventuraram ao ritual de beija-mão nesta catedral de livros erguida na zona sul do Rio. É provável que o grosso do eleitorado de Mercúcio Parla se concentre em São Paulo.

Camisa azul-claro, paletó quadriculado, cabelos grisalhos aparentemente intocados por tinturas, Mino Carta distribui adjetivos afáveis nas dedicatórias, posa para fotos, cumpre o ritual de romancista sem dar sinais de enfado.

“Quero logo dizer duas coisas”, avisa Carta, na entrevista telefônica que me concedeu quando já

tinha voado para São Paulo, na tarde seguinte. ”Primeira : jornalismo é trabalho de equipe. Não existe herói solitário no jornalismo. O que existe é aquele pequeno grupo formado por gente que carrega o piano – e sabe tocá-lo. Segunda : digo, com absoluta sinceridade, que tive sorte na vida profissional, porque estava no lugar certo, na hora certa. Nunca trabalhei num órgão de imprensa que existisse antes do meu comparecimento. Isso tornou minha vida profissional estimulante. Não tive a chance de me entediar na profissão”.

Fica a dúvida : por que diabos Mino Carta não se despe dos recursos ficcionais para escrever logo uma autobiografia descarada ? Os bastidores de momentos importantes da moderna imprensa brasileira escapariam do castigo de serem exilados para sempre na Terra do Esquecimento – o destino irrecorrível de tudo o que não é registrado em papel.

“Em primeiro lugar, uso nomes fictícios para personagens reais”- vai explicando o criador de revistas travestido de criador de romances.”O primeiro livro nasceu como uma reação espontânea – e talvez irritada demais – ao livro “Notícias do Planalto”. Mário Sérgio, o autor, sustenta a tese de que a figura de Collor foi criada pelos jornalistas. Mas a figura de Collor foi criada pelos patrões dos jornalistas !. Além de tudo, “Notícias do Planalto” terminou valorizando as versões patronais a meu respeito. Por exemplo : a de que a Editora Abril me demitiu. Não é verdade. Eu me demiti. Se a Abril me tivesse demitido, eu teria levado uma belíssima grana. Não levei – até porque não queria levar. Queria ter a satisfação de não levar um único e escasso tostão dos senhores Civita – que comigo se portaram como pulhas que cederam a pressões do senhor Armando Falcão”. (ministro da Justiça do governo Geisel).

Um dos capítulos de “O Castelo de Âmbar” traz um aperitivo explosivo do que seria uma autobiografia do autor. Num intrigante jogo de espelhos, o imaginário Mercúcio descreve, como se fosse um repórter, os bastidores da traumática saída de Mino Carta da direção da revista Veja – à época submetida à censura. É Mino Carta escrevendo, com a pele de Mercúcio Parla, um capítulo descaradamente autobiográfico . Os nomes dos bois estão lá : Golbery do Couto e Silva, Ernesto Geisel, Victor Civita.

Tido como vaidoso, Mino Carta faz uma declaração modesta sobre por que recorreu à ficção para fazer uma quase autobiografia :

- Não tenho estatura para chegar e dizer : eis o meu livro de memórias. Não me sinto à vontade.

Os registros da imprensa sobre as expedições de Mino Carta ao território das ficções foram, na melhor das hipóteses, modestíssimos, se confrontados à fama do autor . Por que terá sido ? O silêncio – quase ensurdecedor – é intrigante.

- O Castelo de Âmbar – queixa-se - foi boicotado claramente pela chamada “grande imprensa” : com exceção do Jornal do Brasil, o livro não mereceu nenhum tipo de cobertura – menos ainda de crítica por parte de Globo, Folha, Estado de S. Paulo, Veja, Istoé, Época. Mas vendeu cerca de 20 mil exemplares. A Sombra do Silêncio acaba de ser lançado. Não sei o que vai acontecer.

A lista de possíveis desafetos do jornalista Mino com certeza não seria suficiente para condenar ao limbo o romancista Mino – um italiano de nascença que adotou o País Tropical como pátria no final dos anos quarenta, quando aqui desembarcou em companhia do pai, também jornalista. A intimidade com a língua portuguesa foi adquirida com a leitura de Machado de Assis (a quem chama de gênio), Camões, Gil Vicente, Eça de Queiroz, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Guimarães de Rosa – um escrete de primeiríssima.

Um crítico mal-humorado poderia reclamar : de tão sofisticado e elegante, o texto do romancista Mino corre eventualmente o risco de pecar por rebuscamento excessivo. Mas pobre do país em que um texto seja passível de condenação por excesso de qualidades.

Se lhe fosse dado o direito de escolher que destino teria neste vale de lágrimas, Mino Carta cravaria a opção “jornalista” em terceiro lugar. Porque, antes de se dedicar à nobre tarefa de passar a vida

dedilhando vogais e consoantes num teclado, Mino pensou em ser, pela ordem, santo e pintor.

Já disse que, jovem, sonhava em ter um cartão de visitas em que estivesse escrito, no espaço dedicado à profissão, a palavra “santo”. Logo viu que faltava-lhe vocação para um dia ser entronizado nas paredes da Capela Sistina.

Pintor nunca deixou de ser. Mas terminou se rendendo ao determinismo genético : neto e filho de jornalista, virou jornalista.

Numa das passagens de “A Sombra do Silêncio”, o personagem Mercúcio Parla/Mino Carta faz ao avô, também jornalista, indagações sobre a natureza do Jornalismo. Pergunto ao nosso personagem : e se, por um truque dramaturgico , o Mino Carta quase setentão pudesse se encontrar com o Mino Carta de vinte anos de idade, que conselhos o Mino Carta experiente daria ao Mino Carta noviço, candidato a jornalista ?

- Tenho três mandamentos, além da crença de que é fundamental respeitar o texto e não aviltar a língua. Os três mandamentos para um jornalista são os seguintes : primeiro, a fidelidade canina à verdade factual. Segundo : o exercício desabrido do espírito crítico – sempre. Terceiro : fiscalizar diuturnamente o Poder, onde quer que se manifeste – não somente no Palácio do Planalto ou no Congresso.

O jornalista e escritor Mino Carta conseguiria definir, em apenas uma só palavra, o jornalista e escritor Mino Carta ?

- Não. Eu diria que, profissionalmente, tive a sorte que não tive em minha vida como indivíduo.

“Sortudo”, então, poderia ser uma palavra razoável ?

- Por que não ? Sortudo como jornalista que sempre teve bons colegas e equipes ótimas. Mas o escritor sofre muito.

(2004)

MINO NOS LIVROS

“O jornalismo tem encanto para quem o pratica com um mínimo de empenho : preserva a juventude. Sabe por quê ? Porque um dia é igual a outro e as personagens a serem relatadas são sempre as mesmas, embora mudem de nome. E os enredos se repetem à exaustão. A certa altura, você acha que o tempo não passou e jamais passará, inclusive para você” (fala de um dos personagens de A Sombra do Silêncio, o avô do narrador Mercúcio Parla).

“Jornalistas como ele conhecem de cor e salteado a gravidade da sua empreitada e a cumprem com ceticismo na inteligência e otimismo na ação, reservando-se o direito de manterem aceso o espírito crítico, como lâmpada votiva. Homens de muita fé, certamente, porque dispostos a viverem hora a hora uma contradição brutal- uma tragédia. Trata-se de fiscalizar o poder, controlá-lo, criticá-lo, denunciar os seus abusos e mazelas. Mas as empresas jornalísticas gravitam na órbita do poder, são o próprio poder” (O Castelo de Âmbar)

“Um bom amigo me sugeria : ponha por escrito o que pretende dizer. Pus. Assim todos vocês terão a oportunidade de verificar que pronuncio mediocridades tanto de improviso quanto por escrito” (O Castelo de Âmbar)

“Ainda verá a ponta dos sapatos sobre a calçada de uma cidade remota e antiga, estaca diante do faiscar de uma moeda contra a pedra lívida. Recolhe-a, traz relevos em caracteres árabes, no verso o valor, no anverso um veleiro. O veleiro da infância, transfigurado no espaço absorto, sem tempo e sem dimensão, sem ponto de fuga”. (A Sombra do Silêncio)

Posted by geneton at março 18, 2004 07:53 PM

«"Jornalista do ano": Mino Carta recebe prêmio da Associação de Correspondentes Estrangeiros». Portal Imprensa. **4 de dezembro de 2006**.
Consultado em **30 de dezembro de 2011**:

Servidor no encontrado